



A PRECARIEDADE ESTRUTURAL DA COR

Tayse Jessica da Cruz Barros¹

NORTHUP, Solomon. **Doze anos de escravidão**. Tradução de Caroline Chang 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2014.

Quais os perigos de ser um cidadão livre ou liberto no mundo atlântico? A experiência pessoal de Solomon Northup demonstra a vulnerabilidade da liberdade acometida a pessoas de cor em sociedades escravistas. Foram expressivos os relatos de ex-escravizados nos Estados Unidos, Brasil e Cuba. As vivências de Frederick Douglass, Sojourner Truth; Luiz Gama e Rosalie nação Poulard, evidenciam como a precariedade estrutural da liberdade² estava entrelaçada com a cor. Henry Adams em diálogo com seu ex-senhor disse: “Se eu não puder viver como homem branco, então eu não sou livre”. Nesse artigo clássico sobre os significados da liberdade após a guerra civil nos Estados Unidos, Eric Foner assinala que a liberdade era um terreno de conflito, abrangendo diferentes significados sociais e econômicos para negros e brancos. (1988, p. 09) ³

Fruto da tragédia vivenciada por Solomon Northup, *Doze anos de escravidão* foi publicado em 15 de julho de 1853, tendo como editor o advogado David Wilson. Escrito em vinte e dois capítulos longos, o livro traça a vida de Solomon Northup na tríade liberdade-servidão-emancipação. O problema da vulnerabilidade está presente na narrativa, uma vez que Northup, cidadão livre do norte, foi sequestrado e vendido como escravo para o sul. Nos três recortes apresentados, visualizamos a estrutura familiar do protagonista, a família construída após o casamento com sua esposa e o cotidiano que eles vivenciaram. Mas também são apresentados os primeiros dias de servidão e as relações de violência entre senhores e escravos, bem como os processos de resistência e solidariedade entre os escravos, e os dias finais de servidão. Além disso, é possível compreender as lutas pela culpabilização dos sequestradores e os limites da justiça para homens negros livres.

¹ Graduada em Licenciatura em História – Universidade do Estado da Bahia. E-mail: tayse.jcb@outlook.com.

² CHALHOUB, Sidney. Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil escravista (século XIX) *História Social*, n. 19, segundo semestre de 2010

³ FONER, Eric. O significado da liberdade. *Revista Brasileira de História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra: Brasília. CNPq, 1988.

Trinta anos com a “bênção da liberdade”

Solomon Northup nasceu em 1808, no mesmo ano em que, no território dos Estados Unidos, houve a proibição da importação de escravos pelo congresso. Filho de Mintus, um ex-escravo que conseguiu ascender a partir da aquisição de terras que garantia o direito ao voto na época, ele recebeu uma educação adequada e aprendeu o seu ofício. Sua mãe, Susannah, era livre e foi caracterizada como uma “quadradona”. Aos vinte e um anos, Northup se casou com Anne Hampson e com ela teve três filhos: Elizabeth, Alonzo e Margaret. Eles se estabeleceram em Sorotoga, sendo uma família caracterizada pela sua afetividade *“E apenas aqueles que sentiram a perene afeição que um pai tem por sua cria podem entender o meu afeto pelas amadas crianças que nasceram de nossa união”* (NORTHUP, 2014, p. 20)

Northup trabalhava com navegação, agricultura e tocava violino, tendo uma renda familiar e uma rede de negócios. A habilidade com as jangadas futuramente auxiliá-lo-ia nos primeiros anos de servidão. Sua esposa Anne também trabalhava para incrementar as economias da família prestando serviços de culinária em grandes hotéis, e viajando constantemente para cozinhar durante alguns dias. É durante essa ausência que aconteceria uma grande mudança na vida familiar.

Solomon passeava pela rua após se despedir de sua amada e seus filhos quando dois homens se aproximaram e passaram a questioná-lo sobre o violino. Merrill Brown e Abram Hamilton fizeram-lhe uma proposta de trabalho para que ele os acompanhasse em uma viagem. Tratava-se do rapto de um homem livre, fantasiado de uma oportunidade de trabalho. É importante indicar que Sorotoga situava-se próxima a linha mason-dixon, o que talvez favorecesse ao seu sequestro. Isso não anula a existência de jornadas mais longas de homens à procura de pessoas de cor no norte, dada a proibição do tráfico e a utilidade de mão-de-obra no sul.

Merrill e Abram contrataram Northup para acompanhar o circo em viagem a Washington para tocar violino. Era uma falácia que resultaria na sua estadia na casa de escravos em Williams. Após algum tipo de envenenamento em sua bebida, ele perdeu a consciência, foi preso e colocado em uma condição de escravo. Essa situação marcou toda a sua trajetória a partir daquele momento.

“Ao limiar de uma maldade, de uma tristeza e de um desespero”

Na casa de escravos, acorrentado e confuso sobre sua situação, Solomon conhece James Burch negociante de escravos, que em diálogo perguntará a ele sobre a sua condição de saúde. Ainda na conversa, o segundo afirmou tê-lo comprado, e que logo mais o enviaria para New Orleans. Em resposta, o primeiro disse ser um homem livre de Nova York, enquanto Burch insistia em dizer que ele era um escravo fugitivo da Geórgia. Nesse momento, o negociante de escravos se irrita com a insistência daquele rapaz que se dizia ser um homem livre e espanca-o com muita violência com madeira e corda até ele perder sua força. A lição de não se intitular livre foi apreendida até os dias finais da servidão de maneira memorável.

A estadia por duas semanas na casa de escravos em Washington fez com que a cotidiana com outros escravos se florescesse. Por todo lado, havia vários tipos de escravizados: por dívida, por raiva, por sequestro e aqueles ditos escravos *naturais*. De todas as histórias que envolvem o leitor, o episódio de Eliza pula das páginas com muita força e as suas lamúrias acompanham toda narrativa com muita tristeza. Eliza era uma mulher escrava que tinha dois filhos. Ela, como muitas cativas, manteve relações sexo-afetiva com seu senhor, o que fazia dela uma mucama com certas regalias. Tais regalias não anulavam as formas de tratamento violento empregadas pelos senhores.

A mulher citada viveu nove anos sob a condição de receber a liberdade dada por seu senhor. Ela vivia como uma escrava doméstica que vestia roupas de qualidade, não apanhava e nem trabalhava na lavoura. Dessa relação ela teve uma filha mestiça chamada Emily, o que causou muita raiva em sua meia-irmã branca. Após a revelia da propriedade de Berry, Eliza e seus filhos ficaram sob o domínio da irmã Sra. Brooks, que vendeu Eliza, Emily e Randall como escravos que eram.

Ao chegar às terras comerciais, Freeman inicia a negociação de escravos com os interessados em possuir um cativo. Valorizando os dentes, o corpo físico e outras habilidades, ele tentava convencer os futuros senhores. Eliza fora separada dos filhos e junto a Solomon, ambos foram vendidos para um pastor chamado William Ford, que possuía propriedades no Rio Vermelho, no coração da Louisiana. Cabe comentar aqui uma qualidade peculiar da obra: o rigor nos detalhes. Desenha-se a região de todos os senhores, o tipo de trabalho seja na lavoura com o algodão ou no engenho de açúcar, bem como a paisagem natural dos ambientes frequentados por Solomon.

William Ford, Tibbeats e Edwin Epps foram os proprietários de Solomon Northup durante os anos de servidão. O primeiro, segundo o autor, era um homem bondoso e por causa de seu endividamento, tivera que transferir sua mão de obra escrava. O segundo, um carpinteiro da fazenda de Ford, passava parte do tempo a vigiar o rapaz, chegando a ameaçá-lo de morte. Um episódio de resistência de Solomon é a surra que ele dá naquele, que promete beber seu sangue. O terceiro era um homem muito malvado e que acompanhava a colheita de algodão aplicando chicotadas nos escravos. Quando bêbado, ele ficava mais agressivo ainda e a cativa Patsey, companheira do Platt, sofria com os castigos da família Epps.

O pensamento de fugir muitas vezes rodeava a cabeça do então Platt. Ele o teve desde o primeiro dia em alto mar, e nas duas tentativas de escrever uma carta para contar aos familiares a sua situação injusta e criminosa, sendo a primeira denunciada pelo antigo feitor que ele havia confiado. A segunda o tirou da servidão. A chegada de um carpinteiro chamado Bass, contratado por Epps para algumas atividades em sua propriedade, mudaria todo o rumo da vida de Solomon. Bass ajudou-o no envio de três cartas para Nova York. O lojista William Pery recebeu a carta e avisou a esposa e ao advogado Henry Northup. Este entregou uma petição ao governador de Nova York, que designou um agente para efetuar o resgate. Ao chegar à propriedade de Epps, o xerife local faz algumas perguntas a Salomon. Henry abraçou o companheiro e os anos de servidão acompanharam-no no corpo e nas memórias.

Um cidadão livre e com identidade: “Solomon Northup é meu nome, senhor”.

Após a chegada de Henry Northup a propriedade de Epps, o advogado e o xerife do local assinalam ao violento senhor de escravos que Platt era um homem livre. Epps fica muito revoltado com a situação e jura vingança. Todos vão até Marksville e aos gritos Patsey clamou: “Oh Platt” Você me poupou de muitos açoites; Platt, que bom que vai ser livre – mas oh!, meu Deus, meu Deus! O que vai ser de mim?” (NORTHUP, 2014, p. 247). Na terça-feira, 4 de janeiro, os advogados de ambas as partes e o xerife se encontraram. Foram apresentadas as provas da liberdade de Solomon e com isso Epps, fora obrigado a assinar um documento atestando a aceitação da liberdade daquele. Ao caminho de casa, Solomon e Henry passaram em Washington para que o comerciante de escravos James Birch fosse acusado e preso por sequestro. No entanto, isso não ocorreu

devido aos limites da cidadania, pois um homem negro não poderia testemunhar contra um homem branco naquele contexto de restrições de direitos.

Em 21 de janeiro 1853, Solomon encontrou a família. Ele já tinha um neto que sua filha acabou batizando com o seu nome: Solomon Northup. Os filhos não reconheceram a fisionomia do pai, dada a situação de extremo trabalho nas plantações e os anos de escravidão. A família acabou sabendo da situação de servidão que ele estava submetido. Alonzo não estava em casa, trabalhava em outra região com intuito de comprar a liberdade do pai. Essa foi a narrativa pessoal de Solomon, que revela a fragilidade da liberdade de pessoas negras e, além disso, denuncia a escravização de pessoas livres.

Para finalizar, uma pequena passagem aguçou alguns sentidos críticos. Solomon ao relatar a personalidade do seu primeiro senhor, Ford, afirmou que ele era um homem bondoso, gentil e nobre. Todavia, este, como bom cristão, nunca questionou a ordem escravista. Sobre a bondade de senhores no sistema escravista, Ângela de Castro Gomes discutiu alguns mitos construídos pela historiografia brasileira a respeito da escravidão. Segundo a autora tal paradigma foi construído, sobretudo, pela interpretação da obra *Casa grande e senzala*, do pesquisador Gilberto Freire. Freire compara a escravidão do Brasil com as relações escravistas nos Estados Unidos (GOMES, 2004, p.163).⁴

É evidente que durante o regime do escravismo, alguns senhores foram menos violentos. No entanto, poucos abriram mão dessa instituição em nome de suas propriedades. Nesse caso, a categoria escravo-coisa já decaída, é importante dizer que os senhores pouco pensavam na questão humana. A única falha identificada no livro foi este ensejar a tentativa de, nas palavras do autor, “*demonstrar ao leitor o lado positivo de tudo*”. Certamente, a crítica estabelecida à ideia de Solomon em relação à benevolência de Ford é apenas uma provocação reflexiva. A obra não perde o seu valor por causa disso, pelo contrário: esta se configura como importante relato que evidencia um retrato fiel da escravidão nos Estados Unidos. E como o autor enfatiza na conclusão: “*não duvido que centenas tenha tido a má sorte que eu tive*”. Doze anos de escravidão mostra-nos os limites, os trânsitos e as fronteiras entre a escravidão e a liberdade no Novo Mundo.

⁴ GOMES, A. M. C. Historiografia e questão social no Brasil. 2006. (Apresentação de Trabalho/Outra).